

Arquivos, mulheres e as cartas de Ida Kleine: reflexões sobre o acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau (SC)

Archives, women and the letters of Ida Kleine: Reflections on the collection of the Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau (SC)

Karla Simone Willemann Schütz 

Doutora em História

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

karlawschutz@gmail.com

Resumo

O artigo aborda a invisibilidade dos arquivos pessoais de mulheres em instituições de salvaguarda brasileiras e tem como objetivo refletir sobre as práticas que contribuem para esse apagamento, com ênfase nos conjuntos documentais preservados no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, em Blumenau (SC). O estudo inicia com um mapeamento dos acervos relacionados a mulheres nesse arquivo e, posteriormente, aprofunda-se na análise de um conjunto de cartas de Ida Kleine, uma imigrante, interpretadas sob a perspectiva das “escritas de si”. A conclusão reforça a relevância de conferir maior visibilidade aos arquivos de mulheres, evidenciando como esses documentos revelam aspectos significativos de suas experiências individuais e contribuem para a construção de narrativas históricas mais diversas e complexas.

Palavras-chave: Arquivos Pessoais; Arquivos de Mulheres; Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Abstract

The article addresses the invisibility of women's personal archives in Brazilian safeguarding institutions and aims to reflect on the practices that contribute to this erasure, with emphasis on the documentary sets preserved in the Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, in Blumenau (SC). The study begins with a mapping of the collections related to women in this archive and, later, deepens the analysis of a set of letters from Ida Kleine, an immigrant, interpreted from the perspective of the “writings of the self” (escritas de si). The conclusion reinforces the relevance of giving greater visibility to women's archives, showing how these documents reveal significant aspects of their individual experiences and contribute to the construction of more diverse and complex historical narratives.

Keywords: Personal Archives, Women's Archives, Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.



<https://doi.org/10.28998/rchv16n31.2025.0005>

Artigo publicado sob a [Licença Creative Commons 4.0](#)

Submetido em: 19/12/2024

Aceito em: 23/05/2025

Publicado: 10/07/2025

e-Location: 18864

Introdução

Arquivos pessoais são conjuntos documentais acumulados por indivíduos específicos que evidenciam as vidas, atividades e contribuições desses agentes no decorrer da história. Esses arquivos podem abranger uma ampla gama de materiais, como correspondências, diários, fotografias, certidões, registros profissionais, projetos artísticos, entre outros indícios. Tendo em mente as particularidades desses arquivos, quando tratamos especificamente de arquivos pessoais de mulheres, compreendemos que os documentos ali reunidos capturam não apenas eventos históricos concomitantes às suas trajetórias biográficas, mas também as experiências, contribuições e perspectivas delas ao longo do tempo. Estes arquivos são fundamentais para documentar e preservar a história individual de diferentes mulheres e as vidas cotidianas, as lutas políticas e sociais, e as suas realizações que, por um longo tempo, foram negligenciadas pela historiografia.

Em geral, esses conjuntos estão repletos de egodocumentos, registros que dão corpo aos arquivos pessoais e diferenciam-se dos documentos institucionais, cuja natureza faz com que não estejam tão evidenciadas as “marcas pessoais” de seus produtores. A principal característica que define um egodocumento, em contraponto ao documento institucional, é a presença visível do “eu” daquela ou daquele que o guardou e preservou por motivos e funções múltiplas (Camargo; Goulart, 2007).

A partir dessa ótica, pode-se depreender que esses registros, tão presentes nos arquivos pessoais, oferecem recortes valiosos da interação entre as vidas privada e pública das mulheres, suas contribuições para diferentes áreas como ciência, arte, política, educação, além dos convívios que estabeleceram em suas comunidades e círculos sociais. O valor desses vestígios se coloca também quando se leva em conta que durante muito tempo se supôs que os vestígios das ações de mulheres só poderiam, majoritariamente, ser encontrados no âmbito privado. Como argumentou, na década de 1980, a historiadora Michelle Perrot: a história tradicional ao dar maior relevância aos eventos e processos que se desenrolavam na esfera pública, negligenciou os espaços privados e, por consequência, as contribuições das mulheres. Segundo Perrot (1989), essa ausência não esteve limitada apenas à narrativa histórica, mas também se refletiu na escassez de fontes que abordassem de maneira substancial as vidas e experiências das mulheres.

A biografia enquanto narrativa emerge da interseção de memórias coletivas e individuais, em um incessante processo de negociação. Assim sendo, elas não são simples atos de recordação e registro, mas reconstruções do passado tecidas a partir de um presente. Os vestígios do passado que servem de subsídio aos relatos biográficos, por sua vez, são muitas vezes localizados nos arquivos pessoais. É na “miscelânea” que os compõem que estão representadas as memórias coletivas e individuais que atravessam os percursos de uma vida. Porém, não se pode esquecer que aquilo que constitui um arquivo pessoal também é tributário das iniciativas dos indivíduos que estiveram envolvidos nos procedimentos que determinaram aquilo que “vai ou que fica” no arquivo. Há também a contingência, ou seja, situações que ocorrem ao longo dessas trajetórias e que não estão sob o total controle dos responsáveis pela guarda dessas documentações: intempéries, processos de mudança de domicílio, processos de triagem e organização feitos por terceiros (Silva, 2017). Os arquivos pessoais são, portanto, um recorte ou um “saldo possível” de uma vida.

Essas peculiaridades, no entanto, não eliminam o potencial dos arquivos pessoais serem a base para a tessitura de narrativas biográficas ou historiográficas que valorizem aspectos sensíveis e subjetivos das trajetórias de diferentes mulheres, as quais, muitas vezes não veem seus próprios documentos como registros dignos de serem preservados para a posteridade, um sintoma daquilo que se viu durante muito tempo em nossa sociedade, como apontou Perrot e confirmou Ana Maria de Almeida Camargo:

Só se costuma atribuir valor permanente aos arquivos de pessoas que alcançaram alguma expressão ou proeminência no mundo da política, da ciência, das artes, do direito, da filosofia ou da literatura. Como evitar, nesse caso, escolhas pautadas pelos cânones vigentes, voltadas para nomes que desfrutaram de visibilidade acadêmica ou social? Até que ponto tais escolhas, por mais que seus agentes admitam a transitoriedade dos valores em que se baseiam, limitam o campo de pesquisa que a instituição de custódia pretende cobrir? (Camargo, 2009, p. 29).

Ana Maria Camargo questiona as escolhas que permitem a preservação de certos arquivos, as quais muitas vezes são influenciadas pelos cânones acadêmicos e sociais vigentes, questão que é particularmente relevante em contextos institucionais, em que a decisão sobre o que valorizar pode ser afetada por tendências já estabelecidas e, assim, possivelmente, excluir perspectivas e contribuições que não se encaixam nesses moldes. Ainda nesse sentido, Camargo se pergunta até que ponto essas escolhas, reconhecidas suas naturezas transitórias, restringem o campo de pesquisa. A preservação de arquivos de figuras proeminentes pode estabelecer um

viés na documentação histórica, resultando em uma visão estreita do passado. As ponderações de Camargo convidam a refletir sobre a necessidade de adotar uma abordagem crítica na preservação de arquivos, para garantir que o campo de pesquisa seja amplo e representativo da diversidade de contribuições e perspectivas históricas de inúmeras e inúmeros agentes. É um chamado para que as instituições de custódia considerem não apenas a visibilidade atual, mas também os potenciais valores histórico e cultural de uma gama mais ampla de arquivos e personagens.

Desta forma, como já afirmado, preservar e disponibilizar arquivos de mulheres não apenas amplia a nossa compreensão histórica, mas também desafia narrativas tradicionais que, muitas vezes, marginalizaram suas vozes. Ao promover o acesso a esses arquivos, instituições de memória e pesquisadores ajudam a reconstruir uma história mais representativa, reconhecendo o papel central das mulheres na formação e na transformação das sociedades ao longo dos séculos.

Porém, apesar de ser tema relevante no sentido de promover a discussão acerca da promoção da igualdade de gênero, as condições de existência e o lugar dos arquivos pessoais de mulheres nas instituições de memória só adentrou o debate intrínseco ao campo arquivístico brasileiro há menos de uma década. Como exemplos desse interesse crescente destacam-se a realização do I Seminário Internacional Arquivos, Mulheres e Memórias, ocorrido em 2017 no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo e o lançamento do dossiê “Mulheres, arquivos e memórias” em 2018, publicação gerada a partir do evento e divulgada na Revista IEB. Nesse mesmo contexto foi criada a Rede Arquivo de Mulheres (RAM) em 2020, a qual busca fortalecer os debates sobre a presença de mulheres nos arquivos.

Entre os livros e as produções acadêmicas, podem ser apontados os trabalhos de Franciele Carneiro Garcês da Silva e Natalia Lima Romeiro, que organizaram três volumes em 2019 dando destaque ao protagonismo das mulheres na Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação. No campo dos trabalhos de pós-graduação, um exemplo relevante é a tese defendida em 2020 por Maria Ivonete Gomes do Nascimento, no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Publicada em formato de livro em 2021. A obra intitulada “Desvendando o véu da opacidade: a representação da mulher nos arquivos públicos brasileiros” aborda a presença das mulheres na documentação dos arquivos públicos brasileiros. A autora analisa os instrumentos de pesquisa de diversas

instituições, destacando como eles contribuem para invisibilizar as mulheres ao longo da história.

Em relação à formação de grupos de pesquisa institucionalizados, destaca-se a criação, em 2023, da linha de pesquisa “Arquivos Pessoais de Mulheres”, vinculada ao grupo CNPq “Acervos Privados e Pessoais: memórias, políticas e patrimônio” (Grupo APP/UNIRIO), unindo pesquisadores de diferentes instituições de ensino superior e de salvaguarda de acervos. Uma das atividades desenvolvidas na linha de pesquisa visa a construção de um “Mapa Colaborativo de Identificação de Mulheres nos Arquivos” (traMA), iniciativa que busca localizar documentos de mulheres salvaguardados em diferentes espaços e que para tanto conta com a participação de diversos colaboradores, que por meio de um formulário on-line fornecem suas contribuições (dados sobre estas documentações e acervos).

O presente trabalho, recorte de pesquisa em andamento, pretende se somar às iniciativas acima mencionadas, se inserindo em debates atuais (Simioni; Eleutério, 2018) que buscam observar as relações de gênero intrínsecas aos processos que levam os documentos a serem arquivados ou eliminados, tornados ou não acessíveis e, assim, contribuir para a ampliação do debate acerca da existência (ou inexistência) desses acervos no estado de Santa Catarina, no Brasil.

A pesquisa “Jogos de sombra e de luz: a presença de arquivos de mulheres em instituições de memória em Santa Catarina”, desenvolvida em nível de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, tem como objetivo mapear, catalogar e divulgar a existência de arquivos de mulheres em instituições de memória do estado de Santa Catarina. A proposta terá como produto um guia, instrumento de pesquisa que objetiva visibilizar a atuação de diferentes mulheres da sociedade catarinense, em especial aquelas que tiveram papéis ativos em suas comunidades.

É importante ressaltar que o projeto emerge e se inspira pela promulgação da Lei nº 18.226, de 13 de outubro de 2021, a qual inclui como conteúdo transversal, no currículo da educação básica de escolas públicas e privadas do estado, a História das Mulheres do Campo e da Cidade. Em convergência com os objetivos da lei, a pesquisa de pós-doutorado deseja contribuir com o reconhecimento das trajetórias de algumas mulheres catarinenses, as “colocando no mapa”, movimento que, acredita-se, pode fomentar a produção de narrativas e pesquisas sobre elas, o que, por sua vez, pode se constituir como um incentivo à participação e ao envolvimento das mulheres em suas comunidades.

O mapeamento realizado na investigação envolveu a visita a várias cidades no estado de Santa Catarina e analisou os arquivos abrigados nas instituições de memória com base nas histórias que os formaram, nas políticas que determinaram seu conteúdo, nos instrumentos de pesquisa que facilitam o acesso aos acervos e, finalmente, nos documentos que os compõem. Essa abordagem visou compreender as lógicas de formação dos acervos documentais, buscando, ao longo do processo, identificar vozes que geralmente não são “ouvidas” nesses conjuntos de registros, com especial atenção para as narrativas implícitas de mulheres que possam neles ser localizadas. Frequentemente silenciadas pela predominância masculina, essas vozes exigem uma escuta atenta, quase como a busca por uma “agulha no palheiro”.

Para refletir um pouco sobre essas questões acima apontadas, o presente texto está dividido em duas seções: na primeira delas o foco principal é o acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS) – um dos locais visitados pela pesquisa de pós-doutorado –; já na segunda, o olhar se volta para uma pequena parte desse acervo, um conjunto de cartas que pertenceram à Ida Kleine, imigrante alemã que viveu na região do Itajaí (SC) entre o fim do século XIX e o início do século XX.

As mulheres do AHJFS

No Museu de Arte de Dallas, nos Estados Unidos da América (EUA), há em exibição duas obras que provocam a reflexão sobre visibilidade e invisibilidade social. A primeira dela é nomeada “*48 Portraits*” (1998) e foi idealizada por Gerhard Richter, artista visual alemão. A obra de Richter representa os retratos oficiais de dezenas de homens brancos de destaque nos âmbitos políticos, culturais e acadêmicos entre meados do século XIX a meados do século XX, na Europa e nos EUA. A segunda chama-se “*48 Portraits (Underexposed)*” (2012-2020), a qual, por sua vez, é uma produção do estadunidense Samuel Levi Jones que tem o objetivo de “responder” à criação de Richter.

Jones buscou, em livros de campos do conhecimento como Direito e Medicina, enciclopédias e outras publicações que registram narrativas históricas, subsídios para pontuar quem estaria ausente nessas narrações. A partir da pesquisa, ele criou 48 retratos aparentemente

“vazios”. Brincando com a expressão “subexposta”¹, que no mundo da fotografia significa que a imagem recebeu pouca luz e, portanto, ficará escura e pouco visível, o autor critica a falta de representação de mulheres e pessoas negras, ausência que também estava representada nos livros que consultou. Ao nos aproximarmos dos retratos que ele produziu, que aparentemente pareciam vazios, percebemos que ali estão representados 48 artistas, cientistas e pensadores, homens e mulheres negros que Jones extraiu de fontes vindas das referências alternativas aos livros de história acima descritas.

Fazendo um paralelo entre essas obras e aquilo que está “em exibição” nos acervos de diferentes instituições de memória, podemos pensar naqueles grupos que estariam ausentes ou subrepresentados nesses espaços. Seria essa uma questão de ausências? Ou talvez seja necessário olhar “mais de perto” para encontrar esses personagens? Será que esse seria o diagnóstico acerca dos arquivos de mulheres abrigados pelo AHJFS?

O AHJFS está localizado em Blumenau, Santa Catarina, e se dedica à preservação e à disponibilização de documentos históricos relacionados às histórias local e regional de Blumenau e arredores, desempenhando um papel de relevância na conservação e na disseminação de determinada memória histórica acerca dessa comunidade. O seu acervo é composto de documentos da administração pública, acervos privados, institucionais e o Fundo Memória da Cidade, constituído de coleções de dossiês doados por famílias que ajudam a reconstruir e entender parte do passado da região (Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, s.d.).

As características do acervo dessa instituição, baseado em parte na doação feita por diversas famílias habitantes da região, é um terreno bastante propício na busca por arquivos de mulheres. Entre as diferentes instituições de memória visitadas e consultadas ao longo da pesquisa de pós-doutorado, essa é de fato a que mais deu para ver a presença de mulheres entre a sua documentação. Algumas dessas mulheres dão nome aos fundos abrigados na instituição, enquanto outras aparecem relacionadas aos fundos que tem como titulares homens (seus maridos, sogros ou que tem com elas outros tipos de vínculo). Apenas 12% dos 25 fundos privados referentes a pessoas ou famílias no Arquivo têm mulheres como titulares. São eles: Elke Hering, Renate Rohkohl e Ursula Aloma Ionen.

¹A qualidade de uma fotografia depende da quantidade de luz a qual ela foi exposta, se ela recebe muita luz e fica muito clara, diz-se que foi superexposta, já se a foto é exposta a pouca luz e por isso fica escura, diz-se que ela foi subexposta.

Em um primeiro olhar, assim como na obra de Samuel Levi Jones, essa constatação levaria a supor que não existiriam documentos de outras mulheres salvaguardados nesse espaço, porém, um olhar mais cuidadoso e próximo revela a existência de documentação relativa a mais mulheres, que estão vinculadas ao acervo de homens ou famílias: Balbina Blumer, Bertha Blumenau, Edith Kormann, Elgrit Catarina Belz, Elisabeth Schleiff, Gertrud Blumenau, Hebe Schwolk, Hildegard Schleiff, Ida Kleine, Juliette Wiederkehr Brunning, Jutta Blumenau Niesel, Lily Belz e Ottilia Kohlbach.

É importante destacar que esses nomes foram levantados a partir de visita presencial ao Arquivo e da consulta a instrumento de pesquisa no qual está sistematizada a classificação do acervo disponível fisicamente na instituição. Provavelmente, um olhar detalhado ao acervo digital disponibilizado pelo Arquivo² pouco ao pouco poderia revelar a presença de outras mulheres. Porém, aqui se deseja refletir sobre aquelas que estão visíveis nos próprios instrumentos de pesquisa da instituição. Como aponta Almeida (2022), as escolhas na organização desses arquivos, principalmente os processos de classificação, avaliação e descrição também impactam no acesso à documentação. Dessa forma, é preciso não perder de vista a necessidade de considerar as representatividades sociais dos sujeitos presentes nos acervos também por meio dos instrumentos que tornam essa documentação disponível para consulta.

Os três fundos que têm mulheres como titulares e a documentação referente a outras mulheres, como apontado, foram recebidas pelo Arquivo por meio de doação de familiares ou das próprias titulares. As espécies documentais são diversas, mas aquelas que têm maior volume são as cartas (tanto expedidas quanto recebidas), recortes de jornal e as certidões, contratos, escrituras e declarações. Muitos desses documentos estão escritos no idioma alemão.

Percebe-se que esses fundos são bastante fragmentados, o que leva, inclusive, a pensá-los talvez mais como coleções que propriamente fundos, já que não se constituem o “todo” da documentação que um dia foi acumulada pelas titulares e, possivelmente, não tenham sido doados por elas. Um exemplo dessa dispersão é o conjunto que constitui o Fundo Elke Hering, além do AHJFS, é possível encontrar documentos pertencentes a Elke no Centro de Memória

²Parte do acervo da instituição está disponível para consulta virtual em: <https://arquivohistorico-jfs.grupobst.com.br/ahb/login.php?return=true&>. Acesso em: 8 ago. 2024. Primeiramente, é preciso solicitar ao arquivo a criação de um usuário e uma senha.

Ingo Hering, que se dedica a salvaguarda de documentos e objetos que representam o desenvolvimento histórico da empresa têxtil Hering e da família Hering, fundadora da empresa³. Esse diagnóstico não é incomum, conforme aponta Heymann (1997), frequentemente há disputas entre familiares ou terceiros envolvendo fundos pessoais, o que pode resultar na sua fragmentação e na distribuição entre instituições, levando à perda da organicidade do conjunto. No caso do fundo Elke Hering não é possível determinar o que levou a sua dispersão, o que se ressalta é a possibilidade de tal situação induzir o pesquisador a considerar a parte como o todo. Honor Sachs, historiadora, amplia esse debate acerca da dispersão de arquivos pessoais. Em artigo de 2008, *Reconstructing a Life: The Archival Challenges of Women's History*, ela sugere uma reflexão a respeito da interseção entre as práticas arquivísticas e a pesquisa acadêmica (em especial, no campo da história). A autora aponta que uma abordagem mais atenta à história e às práticas que criam e mantêm os conjuntos documentais arquivísticos pode enriquecer a compreensão de tópicos específicos, neste caso, a vida de Anne Henry Christian, objeto de sua pesquisa. Segundo Sachs, o processo de reconstrução da vida de uma figura histórica pode levar a novas perguntas e perspectivas sobre a proveniência e sobre a própria documentação.

Sachs afirma que as decisões que influenciaram o “passado material”⁴ de Annie Christian tiveram um impacto significativo em como a lembramos. O seu “passado material” – entendido como a origem das coleções de documentos e as histórias específicas desses registros documentais – é tão fundamental para reconstruir a sua história quanto os eventos reais de sua vida. Em outras palavras, a memória relativa à sua trajetória de vida não é apenas uma sequência de momentos fixos no tempo, mas sim um conjunto de momentos registrados que foram, por sua vez, preservados ou descartados, armazenados ou negligenciados, comprados ou vendidos, leiloados ou doados, valorizados ou esquecidos. A forma como o material de sua vida foi tratado ao longo das décadas, passando por diversas mãos, arquivos e estudiosos, moldou retratos muito distintos de sua personalidade (Sachs, 2008, p. 654).

A partir das reflexões de Sachs pode-se depreender que quando os arquivos pessoais se encontram dispersos – seja por meio de venda, doação ou simplesmente por terem sido negligenciados –, as narrativas a serem escritas sobre seus titulares podem sofrer variações

³O Centro de Memória Ingo Hering, pertencente à Fundação Hermann Hering, abriga o Fundo Família, que, como o próprio nome aponta, é composto por documentos que pertenceram a integrantes da família Hering, conjunto que abrange itens como documentos de identificação, correspondências, biografias, registros, fotografias, publicações, registros de estudo, registros financeiros e de imprensa e registros de atividade política, artística e intelectual.

⁴Expressão utilizada pela autora, no texto original “*material past*”.

significativas. Dito de outra maneira, as ações que dão forma aos conjuntos de documentos relativos a essas personagens podem alterar o acesso e a visibilidade dos registros, o que, por sua vez, pode afetar a interpretação e a representação histórica delas. Arquivos que passam por diversas mãos e são mantidos em diferentes instituições podem ser organizados e interpretados de maneiras variadas, levando a diferentes representações da mesma pessoa. Assim, compreender a história e a forma de tratamento dos arquivos pessoais, ou seja, as próprias biografias desses arquivos, é essencial para entender não apenas a história específica de alguém, mas também para refletir sobre como as práticas arquivísticas reverberam na construção de uma memória histórica mais ampla.

Voltando aos acervos de mulheres do AHJFS, além das espécies documentais acima apontadas, esses acervos são compostos por uma variedade de materiais que costumam ser menos valorizados e, em muitas circunstâncias, invisibilizados dentro do conjunto documental salvaguardado pelas instituições a partir do tratamento documental que recebem. Inúmeras vezes entendidos como “lixo histórico”, esses registros podem ser constituídos por cartões de Natal e convites de casamento, de compras, notas fiscais, cartões de visita etc.

Heymann (1997) explica que a categorização dos documentos encontradas em acervos pessoais é dada através de processos que realizam uma seleção intelectual do material e que valorizam certos aspectos da vida dos titulares, conferindo-lhes uma posição privilegiada na organização e na descrição. Por outro lado, certos documentos são relegados a categorias como “miscelânea”, “diversos”, “correspondência geral” ou outras classificações generalizantes, o que geralmente resulta em uma descrição menos detalhada que confere a eles menos destaque e visibilidade.

No entanto, vale não perder de vista que mesmo esses registros, essas “miscelâneas”, concentram um grande volume de vestígios e informações acerca de ações e acontecimentos passados. No caso dos acervos pessoais, vestígios que remetem às relações profissionais e familiares, os estilos de vida, os hábitos de consumo e tantas outras atividades e gostos “ordinários” que fornecem pistas da intimidade e da sociabilidade das titulares desses conjuntos abrigados no AHJFS, como aqueles que serão mais detalhados a seguir.

As cartas de Ida Kleine

[...] o documento que dorme nos arquivos é não somente mudo, mas órfão; os testemunhos que encerra desligaram-se dos autores que os “puseram no mundo”; estão submetidos aos cuidados de quem tem competência para interrogá-los e assim defendê-los, prestar-lhes socorro e assistência (Ricouer, 2007, p. 179).

Entre os muitos documentos relativos a mulheres que repousam no AHJFS encontra-se um compilado de correspondências pertencentes a uma das tantas imigrantes que viveram na região do Vale do Itajaí entre o fim do século XIX e o início do século XX: Ida Dietrich Kleine. Tal compilação está em formato brochura e foi editada e traduzida do alemão para o português na década de 1990 por Edith Sophia Eimer, responsável também por outras traduções que podem ser encontradas no acervo do Arquivo Histórico. As traduções das cartas aqui citadas estão acompanhadas de cópias (bastante ruins) das correspondências originais.

Ida chegou ao Vale do Itajaí em dezembro de 1856 acompanhada do marido, Theodor Kleine, e de dois filhos, Karl e Theodor. Parte dessa história foi narrada por Karl Kleine, o filho mais velho, em memórias escritas em 35 cadernos, totalizando mais de mil páginas, nas quais relata o cotidiano da família na Colônia Blumenau (Gerlach; Kadletz; Marchetti, 2019, p. 79). No entanto, as cartas de Ida se destacam por oferecerem a perspectiva de uma mulher daquela época, compondo um conjunto de 15 correspondências escritas entre 1857 e 1911. Por meio delas, percebe-se o esforço de Ida para manter contato com familiares que permaneceram na Europa.

Olhar com maior atenção para esse conjunto e interrogá-lo, como aponta a citação de Ricouer logo acima, é prestar-lhe uma espécie de assistência e, mais que isso, é talvez tentar ligá-lo novamente a sua autora, uma das tantas mulheres (in)visíveis desse arquivo. Em um primeiro olhar poderia se pensar que essa compilação é um “lixo histórico”, na perspectiva de Heymann citada anteriormente: não é o documento original e é uma edição em cópia de muita baixa qualidade. Porém, ao ler-se as páginas que formam essa documentação, percebe-se que ela também pode ser “uma janela para o passado”, fonte de indícios sobre a vida e visões de mundo dessa personagem. O fato de suas correspondências terem sido preservadas oferece uma rara oportunidade de visibilizar a voz de uma mulher em meio à imigração alemã no Brasil.

Partindo dessa possibilidade de encontro com os pensamentos de Ida, é importante pontuar algumas das especificidades da utilização de cartas como fontes históricas. Investigar sobre o passado a partir de correspondências – documentos comuns em arquivos privados –

muitas vezes, oferece a esperança de tornar o passado compreensível, tocando na realidade remanescente de tempos antigos (Gomes, 2004, p. 19). Elas, não raro, proporcionam a sensação de alcançar os testemunhos históricos do passado. No caso das cartas íntimas, são percebidas práticas de autoexpressão que revelam como a trajetória individual se transforma ao longo do tempo e como diferentes aspectos da vida de uma pessoa – como o tempo em casa ou no trabalho – têm ritmos variados. Ao abordar tais fontes, é crucial desafiar os pressupostos tradicionais nos métodos críticos de análise histórica, especialmente em relação a conceitos como “erro” ou “mentira”. Isso porque é necessário abandonar a busca por uma verdade nos fatos registrados, uma vez que essa não era a intenção daquela que as produziu.

É essencial considerar a complexidade das cartas como documentos, independentemente de seu conteúdo específico. Cada carta é um recorte das visões e dos pensamentos das pessoas que as escreveram, pois elas expressam suas opiniões, afetos, conflitos e aspirações, os quais estão inseridos em um contexto histórico e social particular. Assim, entender tanto o remetente quanto o destinatário da correspondência e os vestígios do passado que ela carrega requer uma análise do ambiente histórico e social em que estavam imersos.

Nas cartas de Ida Kleine, percebe-se a relação dela com a escrita como um espaço de expressão de si, uma prática que não apenas documentou eventos pessoais, mas também funcionou como um meio de reflexão e afirmação individual. Conforme Flores e Serpa (2002, p. 10), a prática epistolar representava um “momento de afastamento do núcleo familiar, possibilitando a afirmação de uma individualidade”. As palavras de Ida revelam nuances de sua percepção da passagem do tempo, as mudanças físicas decorrentes da idade e o impacto emocional da distância em suas relações familiares.

Em uma carta de 1857, escrita ao irmão, ela declara: “Só posso escrever a você, querido irmão, pois já é noite”. Esse trecho sugere um cotidiano atribulado, no qual os momentos de reflexão e escrita surgiam em pequenas brechas da rotina.

A necessidade de ajuda é tema recorrente, desde os momentos iniciais, na chegada à Colônia, como se vê em carta dirigida ao irmão em 1857:

Meu muito querido irmão!

A sua carta me fez imensamente feliz, é um lenitivo por tudo que difícil eu tenho que passar aqui. Que venha sempre tal alegria! Eu recebi com muita emoção e agradecimento o dinheiro que você enviou, ele chegou bem em

tempo, mas não fique demasiado preocupado. [...] Antes de nossa partida de Hamburgo ninguém nos preveniu do que nos esperava aqui, mas estamos muito felizes por ter encontrado uma pequena propriedade.

Em outra correspondência, datada de 1888, ela expressa a sensação de desconexão com os familiares: “Dentro de poucos dias completarei 71 anos e não me reconhecerias numa fotografia”. Essa afirmação evidencia as transformações físicas trazidas pelo tempo e a dificuldade de manter vínculos familiares coesos à distância.

Ao longo dos anos, a escrita epistolar também foi um espaço para lidar com perdas e a finitude da vida. Em 1902, após a morte do último irmão, Ida escreve: “Em nosso círculo de parentes a clareira aumenta sempre mais”, refletindo sobre o gradual esvaziamento do núcleo familiar. Já em 1911, em carta ao sobrinho Rudolph, ela menciona a proximidade da morte e manifesta um desejo de longevidade: “Você tem todos os seus queridos junto de si, e desejo que por muito tempo continue assim e que eu também não seja retirada tão breve”.

Em correspondências de 1899 dirigidas ao sobrinho Rudolph Dittrich, Ida aborda a perda de seu irmão Hermann e discute questões financeiras relacionadas à herança familiar. Como se vê a seguir:

Querido Rudolf!

Sua amável carta recebi no dia 2 do corrente mês. Eu comuniquei aos meus filhos cuidadosamente as disposições, mas passou algum tempo até que consegui os documentos pedidos, Theodor está infelizmente outra vez ausente e sua esposa assinará por ele, certamente isto não importará a você? Todos leram o testamento e tua carta e estão de acordo de que você receberá a casa que pertencia aos avós e nós receberíamos o dinheiro correspondente a nossa parte. [...] Para meus filhos a herança é uma grande ajuda para melhorar sua situação, é também uma benção para Marion e tenho certeza que posso escrever-lhes muitas coisas boas.

A todos lembranças e em especial a você, de sua fiel tia Ida.

Essas cartas, por sua vez, refletem a maneira como as questões de sucessão e as mudanças familiares afetam a estrutura econômica e as dinâmicas familiares. No ano de 1900, Ida também trata de assuntos financeiros vinculados à Filial da Casa Hoepcke⁵ em Blumenau, evidenciando preocupações com a administração de bens e a gestão de propriedades.

Meu caro Rudolf.

⁵Dirigida pelo imigrante e cônsul Carl Hoepcke, a empresa catarinense Casa Carl Hoepcke e Cia exercia diversas atividades econômicas, entre elas, também o papel de intermediária de bancos alemães, ingleses e norte-americanos (CZESNAT, 1980, p. 1).

Demorou bastante tempo até que eu pudesse dar notícias sobre a remessa da grande soma de dinheiro, mas eu só queria lhe escrever alguma coisa concreta. Em primeiro lugar, muitos agradecimentos por todos seus esforços por nós. É muito mais difícil mandar para nós do que para todos os queridos que lá estão. Quando recebi a notícia através da casa comercial Hoepcke em Desterro, que chegara o dinheiro, Marion e eu fomos imediatamente a Blumenau, ali o escritório da casa Comercial Hoepcke deveria efetuar o pagamento, mas esta não tinha dinheiro suficiente em caixa, somente 3 Contos aqui. [...] Em agosto Marion recebeu 1.000 mil reis, o restante está colocado em duas firmas a juros, até a volta de Theodor que tratará deste assunto.

Em julho de 1900, uma carta dolorosa comunica à família a morte de seu filho Theodor, demonstrando o impacto profundo e a tristeza associados à perda de um ente querido.

Como se viu logo acima, as correspondências de Ida Kleine oferecem uma breve visão de temas que marcaram sua vida, incluindo questões familiares, relacionamentos, desafios financeiros e o impacto emocional da distância e da perda.

Além dessas temáticas, com o decorrer dos anos, o tempo que passa e tudo muda foi se tornando questão cada vez mais frequente nas palavras de Ida. Em correspondência de novembro de 1901, endereçada a um irmão não especificado, ela refletiu sobre o envelhecimento e a incerteza que a morte trazia: “Pouco a pouco sinto que o caminho está descendo”, “Depois da morte de Theodor, por vezes, vem uma certa ansiedade inquietante que se abate sobre os meus e perguntamos, o que nos aguarda depois da longa vida?”. Do mesmo modo, a sucessão de perdas, vai pouco a pouco intensificando o desejo de se comunicar com a família, em 1902, ao escrever às sobrinhas após a perda de seu último irmão, expressou profundas reflexões sobre a morte e os laços familiares: “em nosso círculo de parentes a clareira aumenta sempre mais”. Expressão de pesar que se repete em 1911, quando dirigindo-se ao sobrinho Rudolph, deseja longevidade a ele, assim como a sua própria, reforçando a possibilidade de viver perto de seus entes queridos: “Você tem todos os seus queridos junto de si, e desejo que por muito tempo continue assim e que eu também não seja retirada tão breve.” Essas passagens evidenciam o esforço constante de Ida em se manter presente na vida de sua família, mesmo à distância. A escrita epistolar era, para ela, mais do que uma forma de expressão emocional: representava uma estratégia de preservação simbólica, garantindo que suas experiências, sentimentos e memórias resistissem ao tempo e à separação física. Como se pôde observar, as cartas de Ida Kleine, escritas ao longo de 54 anos, não apenas registram os acontecimentos de sua trajetória, mas também revelam a evolução de seus pensamentos e emoções. Esses escritos, ainda que fragmentados, oferecem um testemunho complexo de sua

vida e dos vínculos familiares que a sustentaram, permitindo-nos vislumbrar uma existência marcada pela longevidade, vivida até os 94 anos.

Conforme aponta Gomes (2004, p. 13), as práticas de escrita de si têm a capacidade de demonstrar como a trajetória individual de uma pessoa evolui ao longo do tempo, mostrando as mudanças e sucessões em sua vida. Além disso, essas práticas podem exemplificar como diferentes períodos da vida de uma pessoa podem ser “decompostos” em tempos com ritmos variados, como um tempo dedicado à casa e um tempo dedicado ao trabalho. Essa análise é válida tanto para figuras “proeminentes”, que frequentemente são conscientes do peso de seu papel social, quanto para inúmeras mulheres que atuaram em diversos espaços sociais, sejam eles mais “públicos” ou “íntimos”, como é o caso de Ida Kleine e tantas outras sobre as quais encontramos vestígios no AHJFS.

Segundo Michelle Perrot, em sua análise das práticas de memória de mulheres: “a memória, como a existência da qual é prolongamento, é profundamente sexuada” (Perrot, 1989, p. 18) e as suas práticas de registro são uma “forma de relação com o tempo e com o espaço” (Perrot, 1989, p. 18). Perrot observa que a escrita foi uma das primeiras conquistas das mulheres, destacando a importância do contexto específico delas – é importante ressaltar, que no caso de Ida Kleine, se trata de uma imigrante europeia e escolarizada para qual o acesso à educação era uma realidade tangível, situação muito diferente daquela de outras mulheres que viviam no Brasil nessa mesma época. Essas cartas demonstram como a escrita serviu como um meio de expressão e conexão para mulheres que buscavam afirmar sua presença em um mundo em transformação, no caso de Ida, em um cenário bastante diverso daquele que um dia esteve habituada em sua terra natal.

Corroborando a perspectiva de Michelle Perrot, Gomes (2004) analisa os diversos usos das “escritas de si” em diferentes áreas do conhecimento, destacando o papel central da correspondência epistolar na história da educação. Para Gomes, a “escrita de si” constitui um dos principais meios pelos quais as mulheres registraram suas trajetórias, sobretudo em um contexto marcado por restrições sociais. Muitas dessas mulheres, que compunham grande parte do corpo docente, encontravam na sala de aula um dos poucos espaços de expressão pública disponíveis. Dessa forma, o ambiente privado das “escritas de si” tornou-se um refúgio para a exteriorização de pensamentos, sentimentos e afetos.

Além de um espaço de expressão, Gomes sugere que essas práticas epistolares funcionavam como um verdadeiro “teatro da memória”, uma metáfora que remete à “ideia do

indivíduo como personagem de si mesmo” (Gomes, 2004, p. 17). Essa alegoria reflete a complexidade da escrita pessoal, ao comparar o indivíduo a um personagem que se representa em diferentes papéis e temporalidades. Aplicada à história das mulheres e às suas biografias, essa abordagem revela que a escrita de si não se limita à representação de uma identidade estática, mas consiste em uma contínua (re)invenção de papéis “performados”, evidenciando a maneira como as mulheres se posicionam e se percebem ao longo do tempo.

No desenvolvimento de investigações sobre os itinerários históricos de mulheres, a metáfora do “teatro da memória” oferece uma perspectiva valiosa. Ela sugere que, ao se escrever narrativas sobre mulheres, é fundamental considerar não apenas os relatos exteriores e os papéis sociais a elas impostos, mas também a forma como essas mulheres se representaram e se interpretaram em suas próprias vidas, por meio dos chamados “egodocumentos”. Essa visão amplia as possibilidades de análise ao reconhecer as mulheres como protagonistas de suas próprias histórias, agentes que deixaram registros ricos e multifacetados de suas experiências.

Nesse sentido, destacam-se novamente as particularidades da escrita epistolar como um exemplo emblemático do processo de “privatização” da sociedade ocidental, marcado pela valorização do indivíduo e pela emergência de novos códigos de relações sociais íntimas. Duas características, em especial, remetem a esse movimento de “intimização”: as cartas são concebidas para um destinatário específico e pressupõem uma interlocução direta, refletindo a personalização e a intimidade das relações comunicativas. Como aponta Gomes (2004, p.19), “escrever cartas é ‘dar-se a ver’, é ‘mostrar-se’ ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo ‘visto’ pelo remetente, o que permite um ‘tête-à-tête’, uma forma de presença muito especial”. Além disso, as escritas de si – e não apenas a escrita epistolar – frequentemente assumem um caráter terapêutico, funcionando como uma espécie de catarse e válvula de escape para angústias e sentimentos, sobretudo quando dirigidas a um interlocutor de confiança.

As cartas de Ida Kleine ilustram com precisão essas características da escrita epistolar mencionadas acima. Elas materializam o processo de privatização social e os novos códigos de relações que emergem desse contexto. Primeiramente, as cartas de Ida são dirigidas a destinatários específicos – seus familiares – com o propósito de estabelecer uma interlocução direta, o que evidencia a personalização e a intimidade dessas trocas. Esse “dar-se a ver” e “mostrar-se” ao destinatário transforma a escrita em um meio de fortalecer laços afetivos à distância. Em segundo lugar, as cartas de Ida Kleine cumprem também uma função terapêutica,

servindo como um espaço de autorreflexão e de alívio emocional. Por meio delas, Ida expressa sentimentos, elabora suas angústias e reflete sobre os acontecimentos cotidianos, fazendo da escrita um instrumento tanto de comunicação quanto de introspecção.

Dessa forma, as correspondências de Ida Kleine não apenas comunicam fatos ou informações, mas revelam um espaço íntimo de expressão individual, materializando o entrelaçamento entre a escrita epistolar, a autorreflexão e os novos códigos sociais emergentes no período.

Considerações finais

O presente artigo buscou destacar a importância de observar com maior cuidado como as mulheres estão representadas documentalmente em diferentes instituições de memória e salvaguarda, como arquivos, centros de documentação ou museus. Essa importância foi exemplificada na análise das cartas de Ida Kleine: documentos que revelam aspectos significativos da trajetória, das experiências e reflexões de uma mulher imigrante na região do Vale do Itajaí entre o fim do século XIX e o início do século XX. Ao abordar como e quais arquivos de mulheres que aparecem no acervo do AHJFS e sugerir formas de leitura e interpretação, o estudo enfatiza a importância de dar maior visibilidade a esses conjuntos documentais.

A partir disso, coloca-se como sugestão para futuras investigações um exame mais detalhado dos processos de doação de arquivos familiares e arquivos de mulheres salvaguardados nessa instituição de memória, o AHJFS, com foco particular nos dossiês que compõem o Fundo Memória da Cidade. Este desdobramento poderia fazer emergir novas compreensões sobre a história e sobre os processos de gestão documental, e o impacto que esses elementos têm na constituição e na visibilidade dada a determinados conteúdos do acervo.

Por fim, o artigo visa estimular a pesquisa nesses espaços e com esses documentos de e sobre mulheres, bem como, incentivar as instituições a repensarem suas políticas de aquisição e a refletirem sobre suas práticas de arquivamento, especialmente em relação aos arquivos pessoais de mulheres. A forma como os arquivos estão organizados pode, muitas vezes, escamotear verdadeiros tesouros, deixando invisíveis trajetórias e contribuições significativas. A análise proposta pretende promover uma abordagem mais crítica, que valorize a diversidade das fontes históricas e permaneça enriquecendo a nossa compreensão da história de diferentes mulheres, seja por meio do estudo de suas trajetórias individualmente, seja por meio dos grupos

dos quais participaram ou das parcelas da sociedade as quais estiveram vinculadas, cada uma com as suas diferentes perspectivas e identificações.

Referências

- ALMEIDA, Jéssyca Janiffer Diniz de. Arquivos pessoais e gênero: os arquivos de mulheres na produção científica arquivística brasileira. CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, IX, 2022, Florianópolis. **Anais do IX Congresso Nacional de Arquivologia**. Florianópolis: Associação dos Arquivistas do Estado de Santa Catarina, 2022.
- ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA. **Arquivo Histórico | AHJFS**. Disponível em: <https://arquivodeblumenau.com.br/arquivo-historico-ahjfs/>. Acesso em: 8 ago. 2024.
- CAMARGO, Ana Maria. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, v. 45, p. 26-39, 2009.
- CAMARGO, Ana Maria.; GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique, 2007.
- CZESNAT, Ligia de Oliveira. **As estruturas das atividades comerciais da Empresa de Carl Hoepcke e Cia no Contexto Catarinense**. 1980. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1980.
- FLORES, Maria Bernadete; SERPA, Elio. Prefácio: Não só de colibris e macacos compõem-se as cartas dos imigrantes no Brasil. In: SALOMON, Marlon. **As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. p.7-13.
- GERLACH, Gilberto; KADLETZ, Bruno Kilian; MARCHETTI, Marcondes. **Colônia Blumenau no Sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.
- GOMES. Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- HEYMANN, Luciana Quillet. **Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma Reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Müller**. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 41-66, 1997.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 09-18, 1989.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SACHS, Honor. **Reconstructing a Life: The Archival Challenges of Women's History**. Library Trends, Baltimore, v.56, n.3, p.650-666, 2008.

SALOMON, Marlon. **As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

SILVA, Wilton Carlos. Brilho etéreo de arquivos e lembranças: algumas questões sobre arquivos pessoais e biografias. **Diálogos**, Maringá, v. 21, n. 2, pp. 32-43, 2017.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Mulheres, arquivos e memórias. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 71, p. 19–27, 2018.